

UNIÃO DE ESCOLAS SUPERIORES PARAÍSO

LEITURA- IMPORTÂNCIA NA ESCOLA E NA VIDA

AUTORA: IZABEL DOS REIS SILVA MACHADO

ORIENTADOR: ADILSON VIEIRA DE PÁDUA

São Sebastião do Paraíso – M.G.
2009

LEITURA- IMPORTÂNCIA NA ESCOLA E NA VIDA

AUTORA: IZABEL DOS REIS SILVA MACHADO

Monografia apresentada à UNIESP – União de Escolas Superiores Paraíso, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.
Orientador: Adilson Vieira de Pádua

São Sebastião do Paraíso – M.G.
2009

TEMA: Leitura
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AVALIAÇÃO: () _____

Professor Orientador

Professor Avaliador da Banca

Professor Avaliador da Banca

São Sebastião do Paraíso – MG

2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho.

Ao meu esposo, José Reis, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades e aos meus filhos, Isabela Taís e Bruno José, que embora não tivessem conhecimento disto, iluminaram de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimentos.

E não deixando de agradecer de forma grandiosa aos meus pais, João Batista e Maria Nazaré *in memoriam*, para quem eu rogo todas as noites.

Dedicatória

À Deus minha gratidão, aos meus familiares todo meu carinho.

Em modo especial obrigada mamãe *in memoriam*, hoje você está ao lado de Jesus, foi por você que fui até o fim!

Obrigada ao meu esposo José Reis, pela compreensão e por sempre acreditar em mim.

Aos meus filhos Isabela Taís e Bruno José com todo o meu amor.

Ao meu pai, João Batista e aos meus irmãos e irmãs.

Bom mesmo é ir à luta com determinação, abraçar a vida com paixão, perder com classe e vencer com ousadia, pois o triunfo pertence a quem se atreve...

A vida é muito para ser insignificante.

Charles Chaplin

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS

RESUMO

INTRODUÇÃO	9
1 – HISTÓRIA DA LEITURA NO BRASIL	10
1.1 Democratização do Ensino – Anísio Teixeira.....	12
1.2 Analfabetismo no Brasil.....	14
2 – LEITURA NA ESCOLA.....	20
2.1 O papel da leitura na escola	20
2.2 Comportamentos do leitor e do escritor	21
2.3 As estratégias de leitura	23
2.3.1 Decodificação	23
2.3.2 Estratégia de seleção	25
2.3.3 Estratégia de antecipação	26
2.3.4 Estratégia de inferência	28
2.3.5 Estratégia de verificação	31
2.4 Como trabalhar a leitura na escola	38
2.4.1 Leitura diária	39
2.4.2 Leitura colaborativa	39
2.4.3 Projetos de leitura	39
2.4.4 Atividades seqüenciadas de leitura	40
2.4.5 Atividades permanentes de leitura	40
2.4.6 Leitura feita pelo professor	40
2.5 Oficinas de leitura	41
3 -BENEFÍCIOS DA LEITURA PARA A SAÚDE	44
3.1 O que é Mal de Alzheimer.....	44
3.2 Não deixe seu cérebro morrer.....	45
CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

Lista de Figuras

Figura 1: Foto de Anísio Teixeira.....	14
Figura 2: Capa do livro Bom dia, todas as cores	33
Figura 3: Capa do livro Filó e Marieta	42
Figura 4: Alzheimer	44

RESUMO

Esse trabalho visa ressaltar a importância da leitura na vida de todos nós, lembrando que essa, não começa na escola, pois vivemos em um mundo letrado, na qual desde a infância já temos contato direto com suas funções. Desse modo a leitura da escola deve acompanhar a leitura que nos deparamos fora do âmbito escolar, não devendo portanto ser diferenciada ou criada apenas para fins de ensinar a decodificar, mas envolvendo em si todas as estratégias que o leitor usa para ler e compreender um texto. A leitura traz benefícios à saúde comprovados cientificamente, principalmente no combate a doenças que atingem o cérebro como o mal de Alzheimer. Assim esse trabalho pode contribuir de forma direta com educadores compromissados em fazer de seus alunos leitores competentes e saudáveis.

Palavras chave: Leitura. Alfabetização. Letramento. Estratégias de Leitura.

INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, fala-se constantemente em inserir todas as crianças na escola. O governo tem dado incentivos como o bolsa família para que isso ocorra e os Conselhos Tutelares recebem e apuram denúncias quando há alguma criança fora da escola. Mais do que colocar as crianças na escola, é preciso oferecer educação de qualidade de modo que as pessoas ao saírem do âmbito escolar saibam utilizar os conhecimentos adquiridos.

Nesse trabalho será feito um estudo de como se iniciou essa etapa de democratização do ensino e como o conceito de alfabetização sofreu mudanças depois do uso do termo letramento. Veremos como essa mudança influencia nas pesquisas censitárias e será abordado principalmente a importância da leitura tanto na escola e principalmente fora dela.

As estratégias utilizadas pelos leitores serão explicitadas com exemplos e sugestões de atividades e finalmente refletiremos sobre a importância da leitura para a nossa memória e como ela ajuda a prevenir o terrível Mal de Alzheimer.

1-HISTÓRIA DA LEITURA NO BRASIL

O Brasil é considerado um país de poucos leitores em relação aos países desenvolvidos pois sua história de leitura é marcada por muitas dificuldades.

Até o século XIX, todo o material impresso vinha de Portugal e era analisado cuidadosamente antes de ser publicado. Todo conteúdo considerado “subversivo” era proibido de ser publicado. A partir de 1808 com a vinda da família real para o Brasil é que surgiram os primeiros livros na colônia.

Devido a escassez de livros, os professores ensinavam seus alunos a ler utilizando documentos manuscritos encontrados em cartórios. O texto abaixo registrado em 1884, pelo professor e escritor sergipano Sílvio Romero (1851 – 1914) ilustra bem as condições do Brasil nessa época:

Ainda alcancei o tempo em que nas aulas de primeiras letras aprendia-se a ler em velhos autos, velhas sentenças fornecidas pelos cartórios dos escrivãos forenses. Histórias detestáveis, e enfadonhas na sua impertinente banalidade, eram-nos ministradas nestes poeirentos cartapácios. Eram como clavas a nos esmagar o senso estético, embrutecer o raciocínio e estragar o caráter. (...) As sentenças manuscritas eram secundadas por impressos vulgares, incolores, próprios para ajudarem a destruição. Era o ler por ler, sem incentivo, sem préstimo, sem estímulos nenhuns.

In: Marisa Lajolo. Do mundo da Leitura Para a Leitura do Mundo.
6ª Ed. São Paulo : Editora Ática, 2000.

Também eram utilizados os poucos livros que existiam no Brasil sendo a maioria portugueses. O escritor paraense José Veríssimo (1857 – 1916) comenta como foram seus estudos:

Os meus estudos, feitos de 1867 a 1876, foram sempre em livros estrangeiros. Eram portugueses e absolutamente alheios ao Brasil os primeiros livros que li (...). E assim foi sem dúvida para toda a minha geração. Acanhadíssimas são as melhorias desse triste estado de coisas, e ainda hoje, a maioria dos livros de leitura pela origem, são-no pelo espírito.

In: Marisa Lajolo. Do mundo da Leitura Para a Leitura do Mundo.
6ª Ed. São Paulo : Editora Ática, 2000.

Eram raros os que sabiam ler e escrever e as escolas eram freqüentadas apenas pela elite até 1950.

No início do período imperial, o Brasil foi palco de um franco processo de desenvolvimento, do qual fez parte a mudança da forma de governo, a Constituição, o início da substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado e a modernização das fazendas de café e outras lavouras brasileiras, levando à instalação das primeiras indústrias e ao crescimento das cidades, das escolas e das faculdades, aumentando o contato com os jornais e revistas em circulação.

Gradativamente, frente à maior complexidade da sociedade, não apenas surgiram mais postos de trabalho, aumentando a necessidade de qualificação da população para ocupá-los, como novos costumes culturais foram adotados, de modo que instrução e educação foram encaradas como imprescindíveis ao desenvolvimento econômico e social do país, levando a aumento da demanda quanto à escolarização.

Nessa época a literatura infantil deveria trazer questões que interessavam ao momento atual do país com idéias referentes ao nacionalismo, intelectualismo, moralidade e religiosidade.

Esses fatos explicam em parte, porque o Brasil tem poucos leitores até hoje e se torna um círculo vicioso pois, se há poucos leitores há também poucos

compradores de livros o que conseqüentemente encarece os livros e os distancia ainda mais da população.

Segundo a Professora Dra. Adriana Thomazotti Claro do Centro Universitário Nove de Julho – Uninove, fator complicador vem à tona quando se considera que, historicamente, sem uma infra-estrutura cultural capaz de facilitar a circulação do patrimônio literário, o Brasil acabou polarizando a difusão da literatura para crianças ao redor da escola, a quem caberia iniciar as crianças nas letras, além de mantê-las fiéis a elas, de transformá-las em leitores interessados e permanentes. Mas se a manutenção da própria escola se dá de modo muitas vezes precário e complexo, a formação de leitores sofre ainda mais, até por faltar-lhe suporte para desenvolver-se.

Em meados da década de 1930, a questão da escolarização começou a mudar no Brasil, devido a influências dos Estados Unidos e Europa e a determinação de brasileiros que acreditavam na educação para todos. Talvez o mais importante brasileiro que iniciou essa luta, tenha sido Anísio Teixeira que terá a biografia apresentada a seguir.

1.1 – Democratização do Ensino – Anísio Teixeira

De acordo com Nunes (2002, p. 78) :

Era contra a educação como processo exclusivo de formação de uma elite; o analfabetismo; a ausência, a evasão e a repetência da criança na escola; a falta de consciência pública para situação tão grave; a desvinculação do ensino médio das exigências da sociedade moderna; a seletividade extrema no ingresso às universidades; o esvaziamento do ensino superior e a dispersão de esforços pela multiplicidade, nesse nível de ensino, de escolas improvisadas em vez da expansão e fortalecimento das boas escolas.

É impossível falar de democratização do ensino no Brasil sem falar de Anísio Teixeira. Abaixo segue um breve resumo de sua trajetória na luta pela universalização do ensino, suas vitórias e benefícios trazidos aos brasileiros.

Para ele a forma democrática da sociedade tem como base a educabilidade humana, a qual é concebida como um processo deliberado, sistemático, progressivo e sempre inacabado de formação do indivíduo. Por esse raciocínio, educação e

Estado estabelecem relações intrínsecas em que a primeira é condição *sine qua non* para a existência do segundo (TEIXEIRA, 2004, p.97).

Considerado o principal idealizador das grandes mudanças que marcaram a educação brasileira no século 20, Anísio Teixeira (1900-1971) foi pioneiro na implantação de escolas públicas de todos os níveis, que refletiam seu objetivo de oferecer educação gratuita para todos. Como teórico da educação, Anísio não se preocupava em defender apenas suas idéias. Muitas delas eram inspiradas na filosofia de *John Dewey* (1852-1952), de quem foi aluno ao fazer um curso de pós-graduação nos Estados Unidos.

Dewey considerava a educação uma constante reconstrução da experiência. Foi esse pragmatismo, observa a professora Maria Cristina Leal, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que impulsionou Anísio a se projetar para além do papel de gestor das reformas educacionais e atuar também como filósofo da educação. A marca do pensador Anísio era uma atitude de inquietação permanente diante dos fatos, considerando a verdade não como algo definitivo, mas que se busca continuamente.

Para o pragmatismo, o mundo em transformação requer um novo tipo de homem consciente e bem preparado para resolver seus próprios problemas acompanhando a tríplice revolução da vida atual: intelectual, pelo incremento das ciências; industrial, pela tecnologia; e social, pela democracia. Essa concepção exige, segundo Anísio, "uma educação em mudança permanente, em permanente reconstrução". Nos anos 1920, com a crescente industrialização e a urbanização em todo o mundo, a necessidade de preparar o país para o desenvolvimento levou um grupo de intelectuais brasileiros a se interessar pela educação — vista como elemento central para remodelar o país. Inspirados nas idéias políticas de igualdade entre os homens e do direito de todos à educação, os novos teóricos viam num sistema estatal de ensino público livre e aberto o único meio efetivo de combate às desigualdades sociais.

Esse movimento chamado de Escola Nova ganhou força nos anos 1930, principalmente após a divulgação em 1932 do Manifesto da Escola Nova. O documento pregava a universalização da escola pública, laica e gratuita. Entre os nomes de vanguarda que o assinaram estavam, além de Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo (1894-1974), que aplicou a sociologia na educação e reformou o ensino

em São Paulo nos anos 1930, o professor Lourenço Filho (1897-1970) e a poetisa Cecília Meireles (1901-1964). A atuação desses pioneiros se estendeu por décadas, muitas vezes criticada pelos defensores da escola particular e religiosa. Mas eles ampliaram sua atuação e influenciaram uma nova geração de educadores como Darcy Ribeiro (1922-1997) e Florestan Fernandes (1920-1995). Anísio foi mentor de duas universidades: a do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, desmembrada pela ditadura Vargas, e a de Brasília, da qual era reitor quando do golpe militar de 1964.

Revista nova escola.ed.178.dezembro/2004

Portanto, podemos concluir que Anísio Teixeira efetivamente conseguiu colocar em prática boa parte de seus ideais democráticos em relação à Educação concretizados na ampliação do atendimento às crianças em idade escolar, aumento no atendimento por séries, diminuição da evasão escolar, aumento no aproveitamento escolar, entre outros aspectos.



"A escola, como instrumento de renovação social, é ainda tão-somente uma esperança. E é preciso muito esforço para transformá-la em realidade"

Figura 1: Foto de Anísio Teixeira

Fonte: <http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0178>

1.2 – Analfabetismo no Brasil

Comparação entre a colônia dos padres (Brasil) e a terra dos cowboys (USA)

De 1549 (Manuel da Nóbrega e Anchieta) a 1759 (expulsão dos jesuítas do Brasil) – durante 200 e dez anos – a educação da colônia portuguesa esteve entregue aos padres jesuítas que nela foram implantando, ao longo do litoral, seus decantados “colégios” (segundo uns foram dezessete (17) e segundo outros, vinte e quatro (24)). Este número de unidades escolares implica uma matrícula hipotética de cerca de dois mil (2000) alunos, no auge de sua expansão (1759), se, com grande otimismo, admitirmos que cada colégio comporta cerca de (100) cem alunos. Este era o nosso sistema escolar nos primeiros 250 anos de colonização. Enquanto no Brasil um ato despótico destrói este rudimentar “sistema” educacional, nos EUA inicia-se a revolta contra a Inglaterra (1763-1873), a maior potência marítima da época, que mantém na colônia rebelde uma tropa de 10.000 homens armados para conter a efervescência libertária de uma grande nação em gestação.

Em 1774, reúne-se o PRIMEIRO CONGRESSO CONTINENTAL, congresso de defesa dos direitos dos povos das Américas, o que revela a diferença fundamental entre as duas colônias: uma formada por imigrantes de alto nível de civilização, burgueses e de acentuada tradição intelectual, dedicados à policultura; outra, dominada por uma companhia de navegação monopolista, mal povoada por madeireiros, preadores de índios e escravos, dedicados à monocultura (pau-brasil, gado, açúcar). Enquanto os Estados Unidos , pelo tratado de Versalhes, vê, em 1783, sua independência reconhecida pelas nações civilizadas, depois de sangrenta guerra de oito anos (1775 – 1783), o Brasil espera ainda quarenta anos (1822) para ver sua independência “declarada” por um gesto arrebatado de um príncipe que a metrópole aqui deixara (prevendo um fato como este) para garantir a continuidade da dominação (ver as “províncias ultramarinas” da África de hoje).

Quando Dom João VI refugia-se no Brasil, nos EUA já se iniciava, há muito tempo, a memorável expansão para o oeste, fonte inesgotável de lendas e folclore que deu origem aos filmes de cowboy. Em 1823 (um ano depois da nossa hipotética independência), os EUA já afirmavam sua participação na política internacional com

a DOCTRINA MONROE de que iríamos sofrer as conseqüências no século seguinte. Enquanto nosso imperador brincava de absolutismo (dissolução no parlamento e ato adicional), transcorria nos EUA a “era Jackson” (1828), início do processo democrático que chegou até nossos dias, ocorrendo grande surto de criação de escolas de todos os níveis e a fundação de inúmeros jornais. O Rio de Janeiro, neste tempo, era um vilarejo tropical, com imensa massa de escravos recém - libertados, cercado de pântanos por todos os lados e infestado de febre amarela. O território nacional, um arquipélago de fazendas e latifúndios. Enquanto nosso imperador-filósofo, confabulando com nossos barões e marquesas, assistia aos concursos do colégio Pedro II, nos EUA constituía-se a primeira ligação ferroviária Atlântico-Pacífico (1869) e perfurava-se o primeiro poço de petróleo (1859). Em 1880, os EUA já produziam 1.200.000 t de aço, e a siderurgia só veio a surgir no Brasil no consulado getuliano, muito depois da Revolução de 1930. Por acaso, a diferença não estará nos sistemas escolares?

O Pombal dos EUA foi o espírito humanístico de Benjamin Franklin (1706-1790) em torno de cuja personalidade formou-se o espírito nacional norte-americano (o nosso José Bonifácio foi aliado da vida pública do novo império como muito incômodo, pelo imperador que preferiu a companhia do Chalaça). Na época de colônia (1607-1774), surgiram nos EUA intelectuais como *Cooper, Emerson, Thoreau, Longfellow, Mrs. Harriet Beecher-Estow* (A cabana do pai Tomás,1825), *Walt Whitman*, cujas obras repercutiram, de imediato, na Europa, ocasião em que no Brasil era, terminantemente, proibida a leitura de jornais e circulação de livros.

No período que se seguiu à expulsão dos jesuítas (1759-1772), o Brasil ficou privado de qualquer tipo de escola, mesmo as de ler, escrever, contar e tanger... A lei de Pombal (1772) e a de Pedro (1827) criando escolas nos vilarejos foram atos puramente decorativos de que não ficou rastro na história do “sistema” escolar brasileiro. O ato adicional à Constituição , no ato de 1834, estabeleceu que ao Governo Imperial (União) caberia organizar, apenas, o ensino superior, cabendo os demais graus às depauperadas e atrasadas províncias (em 1834, Niterói, com a permissão constitucional funda a primeira escola normal). No Rio Grande do Sul (1857), no Colégio de Artes Mecânicas para ofícios, a lei mandava recusar matrícula às crianças de cor preta e aos escravos e pretos “ainda que libertos e livres”. Em 1852, Gonçalves Dias, no seu relatório de inspeção, dizia: “quero crer perigoso dar-se-lhes (aos aldeados) instrução” – temor que tornou-se uma constante histórica dos

governantes ... O senador Oliveira Junqueira (1879) dizia : “certas matérias, talvez, não sejam convenientes para o pobre; o menino pobre deve ter noções muito simples”, a que o senador Teixeira Junior acrescentou :” a grande massa deve ter apenas instrução elementar”. *Thiers*, em 1849, na França, defendendo a chamada “liberdade de ensino” exclamou ; “instruir o pobre é acender o fogo debaixo de uma panela vazia”. Hoje a frase é : “não podemos incentivar aspirações que não podemos atender” ... Em 1877, “ existiam 117 escolas noturnas para adultos enquanto em 1869, em todo o Império, apenas existia uma (1), em São Bento, no Maranhão” (segundo o ministro João Bento da Cunha Figueiredo).

“Em 1872, a população brasileira era de 10.112.661 pessoas com 8.365.997 analfabetos (83%)” (em 1850, a dos EUA já era de 24.000.000). Em 31 de dezembro de 1890, a população subia a 14.333.915, com 12.213.356 analfabetos (85%). Em 1889, havia cerca de 18 alunos matriculados nas escolas primárias para cada grupo de 1.000 habitantes – segundo os dados da época (provavelmente tão irrealis quanto os atuais). Nosso primeiro MOBREAL (1947) conseguiu, segundo consta, abrir 11.945 escolas de adultos com uma matrícula geral de 609.996 alunos e 213.749 aprovações ... modelo de estatística educacional que vem impedindo uma análise realista e sincera da realidade nacional em matéria de educação. Mas se algo caracteriza o ambiente castrense da colônia é a ausência total de tipografias e jornais, fenômeno que nem de longe pode ser imaginado nos EUA, que nasceram sobre o signo da liberdade de imprensa. Quem pode imaginar viver sem livros e jornais? É preciso um esforço fantástico de imaginação ...

Texto extraído de :LIMA, Lauro de Oliveira. *Estória da educação no Brasil: de Pombal a Passarinho*. Brasília, Ed. Brasília, 1974. p 70-2.

O texto acima demonstra claramente o descaso histórico com a Educação no Brasil.

Até os anos de 1980, alfabetizar se limitava à decodificação as letras e transformá-las em sons na leitura e na escrita, codificação dos sons da fala em sinais gráficos. De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) alfabetização é ato ou efeito de alfabetizar, de ensinar as primeiras letras, assim, uma pessoa alfabetizada é aquela que domina as primeiras letras, as habilidades básicas do ler e do escrever.

A partir dessa década graças aos estudos sobre a psicogênese da aquisição da escrita com trabalhos de *Emilia Ferreiro* e *Ana Teberosky*, o conceito de alfabetização foi ampliado. Segundo esses estudos, o aprendizado da escrita não é apenas o domínio da correspondência entre sons e letras e sim um processo ativo no qual as crianças constroem e reconstróem hipóteses sobre a língua escrita através de contatos com ela.

Segundo a autora Magda Soares os questionários do Censo a partir de 2000 “passaram a indagar se a pessoa era capaz de “ler e escrever um bilhete simples”, o que já evidencia uma ampliação do conceito de alfabetização: já não se considera alfabetizado aquele que apenas declara saber ler e escrever, genericamente, mas aquele que sabe usar a leitura e a escrita para exercer uma prática social em que a escrita é necessária”.

Surge então o conceito de analfabeto funcional, ou seja, aquele que apenas decodifica, porém, não conhece a função social da leitura e da escrita, ou ainda, “alunos que sabem ler, dispõem de um conhecimento e de um saber-fazer em princípio aceitáveis, mas não sabem ainda adaptá-los a determinadas situações na forma como devem funcionar”.(CONTENTE, 2000)

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira traça um panorama da situação educacional brasileira a partir dos indicadores reunidos pelo IBGE em 2000, pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). O Mapa do Analfabetismo segundo o Instituto revela que há 16 milhões de analfabetos no Brasil e 30 milhões de analfabetos funcionais. O estudo destaca que “o mais preocupante é que, a despeito dos avanços conquistados, ainda observamos o baixo desempenho dos sistemas de ensino, caracterizado pelas baixas taxas de sucesso escolar, sobretudo nos primeiros anos de escolaridade”.

O estudo concluiu que Niterói (RJ) possui a maior população com número médio de séries concluídas do País com taxa de 3,6% de analfabetismo e a cidade de Guaribas (PI) o analfabetismo atinge 59% da população e o analfabetismo funcional alcança quase 93%. Os dez municípios com melhores indicadores estão nas Regiões Sul e Sudeste e as dez cidades com o menor número médio de séries concluídas estão nas regiões Norte e Nordeste. Essas taxas estão ligadas também à renda familiar, nos domicílios com renda superior a 10 salários mínimos, o índice é

de 1,4%, enquanto nas famílias que possuem renda inferior a um salário mínimo o índice chega a 29%.

Segundo o estudo, um programa de alfabetização que trabalhasse com um ciclo semestral – prazo em que alfabetizaria e deixaria o educando atendido em condições de reingressar nos sistemas de ensino – e que tivesse por meta erradicar o analfabetismo em quatro anos exigiria cerca de 200 mil professores alfabetizadores.

Porém o grande desafio é não só ensinar a decodificar, mas fazer com que os alunos compreendam a função social da leitura e da escrita e que se tornem leitores competentes.

2-A LEITURA NA ESCOLA

Há concertos de música. Por que não concertos de leitura? Imagino uma situação impensável: o adolescente se prepara para sair com a namorada, e a mãe lhe pergunta: “Aonde é que você vai?”. E ele responde; “Vou a um concerto de leitura. Hoje no teatro vai ser lido o conto A terceira margem do rio, de Guimarães Rosa. Por que é que você não vai também com o pai?” Aí, pai e mãe, envergonhados, desligam o Jornal Nacional e vão se aprontar.

Rubem Alves – extraído de: Entre a Ciência e a sapiência – o dilema da educação, São Paulo, Editorial Loyola, 1996.

2.1 – O Papel da Leitura na Escola

O papel da escola é o de ensinar a ler e a escrever. Desse modo os propósitos didáticos são colocados em primeiro lugar, não considerando, muitas vezes como o aluno usará esse conhecimento fora da sala de aula, porém, se a escola assume os propósitos de tal prática social poderá estar abandonando sua função “ensinante”. (LERNER, 2002)

Diante desse paradoxo, fica claro o desafio que a escola tem de ensinar os conteúdos sem abrir mão de sua prática social, ou seja, o uso que o aluno fará da leitura na sociedade. Assim deve-se fazer um esforço de conciliar os propósitos da escola e ao mesmo tempo criar situações que aproximem o ensino da versão social dessas práticas.

Para Delia Lerner, a possibilidade de “escolarizar as práticas sociais” se resume nos seguintes pontos:

1. Propor atividades que propiciem o uso das estratégias de leitura;

2. Articular os propósitos didáticos (obrigatórios) com propósitos comunicativos que tenham sentido para o aluno;

Como foi citado no primeiro capítulo, o conceito de alfabetização torna-se mais amplo, a partir do uso do termo “letramento”. A escola atualmente tem em seu papel não apenas formar sujeitos que decodifiquem, mas que sejam críticos e capazes de assumir posições frente ao texto lido. Esses são os chamados leitores competentes, os quais a escola tem grande responsabilidade de criar.

Para que ocorra o letramento e a “escolarização das práticas sociais”, antes de se propor os pontos explicitados acima é necessário despertar nos alunos alguns comportamentos.

2.2 – Comportamentos do leitor e do escritor

Segundo Olson(1998) *apud* Lerner(2002)

O domínio da escrita é uma condição social; quando lemos ou escrevemos um texto, participamos de uma “comunidade textual”, de um grupo de leitores que também escrevem e ouvem, que compartilham uma determinada maneira de ler e entender um *corpus* de textos. Tornar-se leitor em um domínio específico significa aprender a participar de um paradigma, no mesmo sentido em que Kuhn propôs essa noção para descrever uma comunidade científica que compartilha um mesmo conjunto de textos, um mesmo conjunto de interpretações e um mesmo conjunto de crenças em relação aos problemas que se investigam. Para dominar a escrita, não basta conhecer as palavras, é necessário aprender a compartilhar o discurso de alguma comunidade textual, o que implica saber quais são os textos importantes, como devem ser lidos ou interpretados, como devem ser aplicados na fala e na ação.[...] Pensamos no domínio da escrita como uma condição ao mesmo tempo cognitiva e social: a capacidade de participar ativamente em uma comunidade de leitores que concordam com certos princípios de leitura, um conjunto de textos que são tratados como significativos e uma hipótese de trabalho sobre as interpretações apropriadas ou válidas desses textos.

Os comportamentos do leitor devem ser explicitados nos conteúdos a serem ensinados na escola, considerando a dimensão social, a qual se refere Olson e a dimensão psicológica, e ou, privada.

A dimensão social ocorre quando o leitor é capaz de indicar um livro que leu a seus amigos, comentar matérias e dar opiniões, compartilhar a leitura de um texto que chamou sua atenção e confrontar diversas interpretações.

A dimensão privada encontra-se nas estratégias de leitura utilizadas pelo leitor ao selecionar que tipo de material deseja ler, antecipar o texto através de um título ou imagem, verificar se compreendeu a leitura de fato, voltando ou pulando partes se for necessário, assumir uma posição crítica e observando a função de ler aquele determinado texto.

Os comportamentos do escritor por sua vez, também devem ter conteúdos explícitos a serem desenvolvidos na escola. Ao escrever deve-se ter em mente o ponto de vista dos futuros leitores, devido a isso, suas funções principais são planejar, textualizar, revisar mais de uma vez.

Desse modo, podemos concluir que tais comportamentos são conteúdos, pois espera-se que os alunos aprendam e se apropriem deles para que façam uso em sua vida. Trata-se de conteúdos a serem trabalhados de forma conceitual, pois devem ser ensinados, procedimental e atitudinal, já que serão ligados na vida dos leitores e escritores dentro e fora da escola.

Exercendo tais comportamentos os alunos terão oportunidade de adentrar no mundo dos textos e dos gêneros textuais e confrontar a linguagem coloquial, que usam para comunicar-se oralmente com aspectos recursos lingüísticos da linguagem culta para produzirem seus textos. (LERNER,2002)

O leitor que não possui determinados comportamentos é chamado de leitor inexperiente, devido à “falta de conhecimentos referenciais e textuais” (...), necessitando assim de “alicerçar a sua aprendizagem sobre conhecimentos lingüísticos e psicológicos”.(CONTENTE,2000)

Ler, como qualquer aprendizagem, requer dedicação e deve-se ressaltar que a prática da leitura na escola precisa se assemelhar à prática de leitura fora da escola, nesse caso os professores devem ler diariamente para as crianças diversos gêneros textuais mesmo que os alunos não leiam autonomamente para que tenham acesso ao que a escrita representa e ler não deve ser uma atividade a ser dada, caso sobre tempo, quando a sala está agitada ou quando faltaram muitos alunos, mas deve ocupar o “horário nobre da aula”. (VELIAGO *apud* MEC - PROFA 2001-M3U4T4)

Todo leitor apresenta dois problemas a serem refletidos em sua prática social, segundo Delia Lerner, que são : 1- escolher o que, como, onde e quando lê; 2- atrever-se a ler textos difíceis.

Infelizmente muitas vezes na escola, o aluno não pode escolher o que , como, onde e quando deseja ler e isso dificulta que a leitura se torne prazerosa. Daniel Pennac (1993) diz que o verbo ler não suporta o imperativo e o que se vê na escola é justamente a questão leia, leia, leia e leia. Práticas como a leitura em voz alta devem ser trabalhadas, porém é importante pensarmos que em geral esse tipo de leitura não tem tanto valor atualmente e os alunos podem tomar aversão pela leitura, caso venha a cometer muitos erros em voz alta.

O intuito não é banir a leitura em voz alta da escola, mas dosar esse tipo de atividade obrigatória no âmbito escolar com a responsabilidade social, pois fora da escola a leitura não é obrigatória e geralmente não é feita em voz alta.

No que diz respeito à “atrever a ler textos difíceis”, a escola está intimamente responsabilizada a propô-los aos alunos para que se preparem na inserção da vida acadêmica. Nesse caso é importante que desde cedo as sejam apresentados às crianças textos difíceis, auxiliando-as na reflexão, obviamente não se trata de levar uma matéria sobre a Bolsa de Valores, mas também não faz mais sentido levar “textos” do tipo “A vovó viu a uva”, ou “O bebê baba”.

2.3 – As Estratégias de Leitura

O objetivo principal da leitura deve ser favorecer a compreensão, para tal é importante que o professor explicita o motivo pelo qual pede ao aluno que execute uma atividade de leitura. (CONTENTE, 2000)

Inicialmente o único requisito para ler é estar alfabetizado no sentido mais restrito da palavra, ou melhor, decodificar as palavras. Mas para ler com compreensão é necessário acionar outras estratégias além da decodificação. Analisaremos detalhadamente cada estratégia.

2.3.1- Decodificação

Sabemos que nosso sistema é alfabético, ou seja, para se escrever uma sílaba são necessárias de 1 a 5 letras. Ao compreender esse processo o leitor é capaz de decodificar os sinais gráficos da língua identificando as relações entre grafemas (letras) e fonemas (sons).

Essa é a primeira estratégia utilizada pelo leitor e que possibilita que leia palavras das quais desconhecem seu significado.

Pesquisas realizadas com crianças que ainda não decodificam, demonstram que antes de ler convencionalmente, as crianças já tem pré conceitos em relação à leitura.

Esse teste simples foi ilustrado no livro *Escrever e ler* (2000), baseado nas pesquisas das educadoras *Emilia Ferreiro e Ana Teberosky*.

As crianças recebiam cartões semelhantes a esses e deveriam separar em dois montes: os que podiam ser “lidos” e os que não davam para “ler”. Depois explicavam ao entrevistador porque haviam separado daquela maneira.

Chegaram a conclusões importantes com essas observações. Mesmo sem decodificar, crianças têm idéias acerca do que se pode ler. Todas as crianças concordaram que só dá para ler onde tem letras, desde que sejam mais de 3 e que não se repitam. Dessa forma o que selecionaram no monte de palavras que podem ser lidas foram os cartões: *por*, *manleiga*, *mas*, MÇG e MAÇÃ.

Quadro 1 : Fichas para leitura

215	ME	<i>por</i>	Dfgh6
<i>manleiga</i>	AAAA	A	gtddd
<i>mas</i>	4	<i>de</i>	MÇG
MAÇÃ	<i>uuuuuu</i> <i>uu</i>		☹

Fonte: Curto et. al (2000)

Porém decodificar, ainda que seja a mais importante, é apenas uma estratégia utilizada e por essa razão “não se deve ensinar a ler por meio de práticas

centradas na decodificação. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam”. (MEC, 1997 - PCNs – vol. 2, p.55)

Por esse motivo os materiais feitos exclusivamente para ensinar a ler apenas contribuem para que os alunos tenham uma visão empobrecida da leitura, é essencial o contato e a leitura de textos reais, usados no cotidiano, na vida das pessoas para que se evoluam as estratégias de leitura.

2.3.2 – Estratégia de Seleção

Mais uma vez podemos ressaltar a importância de se trabalhar com diversidade textual na escola, pois é óbvio que o aluno não poderá selecionar o que quer ler se não for dado a ele várias opções.

Além de selecionar o material que quer ler, o leitor pode utilizar essa estratégia também ao selecionar partes importantes de um texto ou selecionar apenas o que ele quer ler de determinado material, dessa forma o leitor “despreza os fatos irrelevantes. Ao ler, fazemos isso o tempo todo, nosso cérebro “sabe”, por exemplo que não precisa se deter na letra que vem após o **q**, pois certamente será **u**; ou que nem sempre é o caso de se fixar nos artigos, pois o gênero está definido pelo substantivo”. (SOLIGO, 2000 *apud* MEC 2001)

O texto abaixo é um fragmento de Direitos Imprescritíveis do Leitor* de Daniel Pennac e ilustra o valor de, entre outras, a estratégia de seleção:

Em matéria de leitura, nós, os leitores, nos concedemos todos os direitos, a começar pelos que recusamos a essa gente jovem que pretendemos iniciar na leitura:

1. O direito de não ler.
2. O direito de pular páginas.
3. O direito de não terminar um livro.
4. O direito de reler.
5. O direito de ler qualquer coisa.
6. O direito ao bovarismo.
7. O direito de ler em qualquer lugar.

8. O direito de ler uma frase aqui e outra ali.
9. O direito de ler em voz alta.
10. O direito de calar. (...)

Porque, se quisermos que um filho ou uma filha ou que os jovens leiam, é urgente lhes conceder os direitos que proporcionamos a nós mesmos. (...)

Extraído de: Como um romance, 3ªed. Rocco, 1993.

2.3.3 – Estratégia de Antecipação

É a previsão do que ainda está por vir, com base em suposições ou informações explícitas. Se a linguagem não for difícil e o conteúdo não for muito novo para o leitor é possível eliminar letras em cada uma das palavras de um texto sem que isso prejudique a compreensão. Podemos também antecipar significados através de informações como gênero, autor e título. (SOLIGO, 2000 *apud* MEC 2001)

“Em relação ao que já conhece e em função do contexto, o aluno faz proposições sobre o sentido de uma palavra, sobre o texto ou sua função. Nesta atividade, estimula-se a criatividade e a imaginação. O aluno poderá comparar as hipóteses formuladas com os dados do texto.”(CONTENTE,2000)

Veja esse exemplo da receita. Você recebe uma receita, mas está falando algumas letras, mesmo assim será possível realizá-la? Observe.

TORTA DE LIQUIDIFICADOR

Ingredientes

- 3 ovos
- 2 xícaras de leite
- 2 xícaras de farinha de trigo
- 1 xícara de óleo
- 1 pitada de sal
- 1 pacotinho de queijo ralado

1 colher de sopa rasa de fermento

8 ou 10 ovos

300 gramas de carne moída

Modo de Fazer

Deixe pronta, untada com margarina e enfarinhada, uma forma das que tira o fundo. Bata todos os ingredientes no liquidificador, menos o fermento. Fica um mingau espesso. Misture o fermento com uma colher de pau. Despeje metade da massa na forma. Disponha sobre a massa da forma carne moída refogada, com um ovo cozido e ovos picadas. Despeje a outra metade da massa sobre o recheio, com cuidado para cobrir completamente a carne moída. Polvilhe queijo ralado por cima, se quiser. Asse em forno médio por mais ou menos trinta minutos. Espere esfriar para tirar da forma.

Ofício de Professor, vol.3. p. 9

O fator que contribui para que uma pessoa entenda essa receita mesmo faltando letras é a familiaridade com esse tipo de texto, alguém que não tenha conhecimento mínimo de culinária, talvez não conseguirá entendê-la, mas ainda sim poderá antecipar o gênero, que nesse caso trata-se de um texto instrucional, devido à sua estrutura.

Isso explica porque na palavra ovos pensamos em ovos não em ovelhas, por exemplo, pois ovelhas não entram em receita de torta.

Ao ler um texto, além de decodificá-lo, nós recorremos a tudo que já sabemos fazemos relações, é o que chamamos de atividade interativa e mais uma vez reafirma que ninguém lê a partir do zero.

Outra pista útil para entender-se a receita foi o título. Através dele antecipamos o que seguirá no texto. Sempre que vamos selecionar um filme ou livro relacionamos seu título com todo conhecimento que temos e prevemos qual será seu assunto e se o mesmo, nos interessará, já que sabemos que o título sugere, indica, resume o assunto ou tema de um filme, espetáculo ou livro. (Ofício de professor, vol.3)

Em síntese, a leitura inclui dentre outras habilidades/capacidades “fazer previsões sobre o texto, de construir significado combinando conhecimento prévio e

informação textual, de refletir sobre o significado do que foi lido e tirar conclusões sobre o assunto focado. (SOARES, 2000 *apud* MEC – PRÓ LETRAMENTO 2007)

2.3.4- Estratégia de Inferência

Permitem captar o que não está escrito no texto de forma explícita. É ler pelas “entrelinhas”, o que não está escrito, baseadas tanto em pistas dadas pelo texto, como em conhecimentos já possuídos pelo leitor.

Embora tais inferências nem sempre sejam confirmadas, não são adivinhações aleatórias. Podemos inferir significados, palavras, sílabas ou letras. O contexto contribui para a interpretação. (SOLIGO, 2000 *apud* MEC 2001)

Para ler com compreensão e construir sentido dos textos deve-se prestar atenção nos componentes formais do texto:

- estrutura composicional (organização em partes);
- recursos lingüísticos (discurso direto, indireto, tempo verbal, diminutivos, linguagem coloquial ou culta, frases curtas ou longas);
- recursos expressivos e literários (rimas, linguagem figurada, jogo de palavras etc.).

Nesse trabalho de produzir inferências, os alunos podem se lembrar de outros textos conhecidos e construir pontes intertextuais. Ler nas entrelinhas é o jeito mais completo e gostoso de ler, pois o leitor tem o prazer da descoberta e de ser “cúmplice” do autor. Os leitores iniciantes que ainda estão dependentes do processo de decodificação precisam da ajuda do professor para realizar inferências. (MEC – PRÓ LETRAMENTO, 2007)

Veja exemplos de realização de inferência nos textos abaixo:

O camaleão assume a cor do lugar em que se encontra. Ele também muda de cor em várias situações. Ele pode mudar de cor quando está com medo, quando está zangado e quando está apaixonado.

(CIBOUL, Adèle. As cores. São Paulo: Moderna, 2003; Coleção Criança Curiosa texto adaptado)

Após ler o texto responda:

Qual a cor do camaleão quando ele está na grama?

O Lobo

Apesar da má fama da história da Chapeuzinho Vermelho, o lobo não é perigoso e nem ataca o homem. Ele pode ficar muito manso e a prova disso é que os cachorros que hoje vivem na casa da gente descendem de lobos selvagens que há milhares de anos passaram a viver nas cavernas com os nossos antepassados. (...) (O Estado de São Paulo. Estadinho,2/10/1993)

Responda:

O que acontece na história da chapeuzinho Vermelho para que o lobo tenha má fama, como afirma o autor?

Para responder a essa questão, os alunos terão que utilizar um conhecimento que já possui, pois, aqui o professor já deverá ter lido a história da Chapeuzinho Vermelho. Esta é a ponte intertextual a qual se refere o documento Pró Letramento.

Uma forma divertida e prazerosa de trabalhar as estratégias de leitura são as tirinhas. As crianças apreciam muito as tirinhas da turma da Mônica.

O professor pode começar explorando cada quadrinho com as crianças, chamando a atenção para as expressões dos personagens e depois fazer uma pergunta na qual eles terão que inferir a resposta.

Observe o exemplo abaixo:



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

6493

Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/tira5.htm> acessado em 17/4/2009

Por que o Cebolinha não quer mais brincar com a Mônica?

Veja outro exemplo:



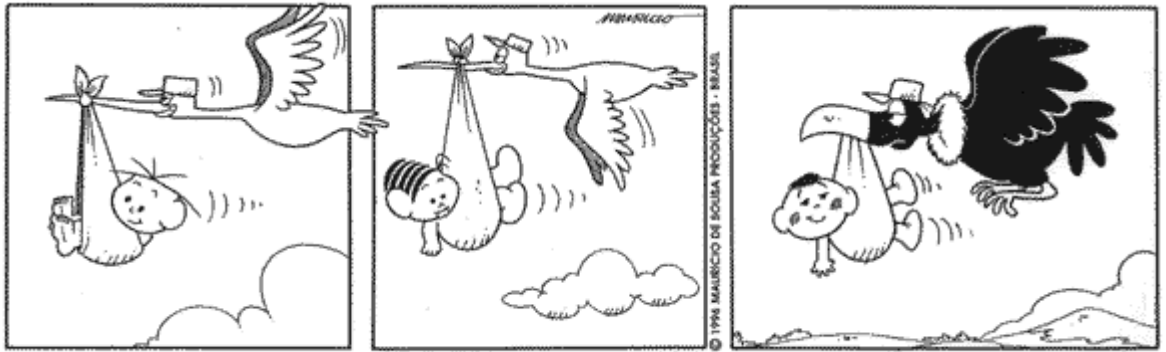
Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

6716

Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/tira5.htm> acessado em 17/4/2009

Por que ele continuou xingando a Mônica?

Outro exemplo:



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/tira5.htm> acessado em 17/4/2009

Por que o passarinho do Cascão não é uma cegonha?

Enfim, existem várias maneiras de trabalhar inferências com os alunos de forma lúdica e divertida.

2.3.5- Estratégia de Verificação

Tornam possível o controle da eficácia ou não das demais estratégias, permitindo confirmar ou não, as hipóteses levantadas.

Uma atividade interessante para desenvolver essa estratégia é dar um texto para os alunos completarem com as letras que faltam e depois dar o texto completo para confirmar se estava certo ou não.

CABO DE GUERRA

Número de participantes: Indeter___na___

Local adequado: Ao ar li___

Material necessário: ___da

Regra do jo___

As ___anças, em duas colu___ frente a ___te, seguram uma cor___. No ponto em que as ___lunas se tocam será tra___da uma linha perpendicular aos

jo__do__. A uma dis__cia de 4 metros do últi__ jogador de __da colu__
risca-se a li__ da vitória.

Dado o __nal de i__cio, os jogadores puxam a __da esforçando-se em
arras__ os ____sários até a li__ de vitó__. Se__ considerado __cedor o
partido que atingir essa li__.

Agora o texto completo para verificação:

CABO DE GUERRA

Número de participantes: Indeterminado

Local adequado: Ao ar livre

Material necessário: corda

Regra do jogo

As crianças, em duas colunas frente a frente, seguram uma corda. No ponto em que as colunas se tocam será traçada uma linha perpendicular aos jogadores. A uma distância de 4 metros do último jogador de cada coluna risca-se a linha da vitória.

Dado o sinal de início, os jogadores puxam a corda esforçando-se em arrastar os adversários até a linha de vitória. Será considerado vencedor o partido que atingir essa linha.

Outra sugestão é mostrar a capa de um livro antes de contar a história e através dela os alunos levantam hipóteses sobre a história:

Faça esse interessante exercício: liste as idéias que tiver sobre a história que está dentro desse livro:



Figura 2: Capa do livro Bom dia, todas as cores
Fonte: http://www2.uol.com.br/ruthrocha/historias_15.htm

E agora, leia a história e verifique se acertou:

Bom Dia, Todas as Cores!*

Meu amigo Camaleão acordou de bom humor.

- Bom dia, sol, bom dia, flores,
 bom dia, todas as cores!

Lavou o rosto numa folha
 Cheia de orvalho, mudou sua cor
 Para a cor-de-rosa, que ele achava
 A mais bonita de todas, e saiu para
 O sol, contente da vida.

Meu amigo Camaleão estava feliz
Porque tinha chegado a primavera.
E o sol, finalmente, depois de
Um inverno longo e frio, brilhava,
Alegre, no céu.

- Eu hoje estou de bem com a vida
- Ele disse. - quero ser bonzinho
Pra todo mundo...

Logo que saiu de casa,
O Camaleão encontrou
O professor pernilongo.
O professor pernilongo toca
Violino na orquestra
Do Teatro Florestal.
- Bom dia, professor!
Como vai o senhor?
- Bom dia, Camaleão!
Mas o que é isso, meu irmão?
Por que é que mudou de cor?
Essa cor não lhe cai bem...
Olhe para o azul do céu.
Por que não fica azul também?

O Camaleão,
Amável como ele era,
Resolveu ficar azul
Como o céu da primavera...

Até que numa clareira
O Camaleão encontrou
O sabiá-laranjeira:
- Meu amigo Camaleão,
Muito bom dia e você!

Mas que cor é essa agora?
O amigo está azul por quê?

E o sabiá explicou
Que a cor mais linda do mundo
Era a cor alaranjada,
Cor de laranja, dourada.

Nosso amigo, bem depressa,
Resolveu mudar de cor.
Ficou logo alaranjado,
Louro, laranja, dourado.
E cantando, alegremente,
Lá se foi, ainda contente...

Na pracinha da floresta,
Saindo da capelinha,
Vinha o senhor louva-a-deus,
Mais a família inteirinha.
Ele é um senhor muito sério,
Que não gosta de gracinha.
- bom dia, Camaleão!
Que cor mais escandalosa!
Parece até fantasia
Pra baile de carnaval...

Você devia arranjar
Uma cor mais natural...
Veja o verde da folhagem...
Veja o verde da campina...
Você devia fazer
O que a natureza ensina.

É claro que o nosso amigo
Resolveu mudar de cor.
Ficou logo bem verdinho.
E foi pelo seu caminho...

Vocês agora já sabem como era o Camaleão.
Bastava que alguém falasse, mudava de opinião.
Ficava roxo, amarelo, ficava cor-de-pavão.
Ficava de toda cor. Não sabia dizer NÃO.

Por isso, naquele dia, cada vez que
Se encontrava com algum de seus amigos,
E que o amigo estranhava a cor com que ele estava...
Adivinha o que fazia o nosso Camaleão.
Pois ele logo mudava, mudava para outro tom...

Mudou de rosa para azul.

De azul para alaranjado.

De laranja para verde.

De verde para encarnado.

Mudou de preto para branco.

De branco virou roxinho.

De roxo para amarelo.

E até para cor de vinho...

Quando o sol começou a se pôr no horizonte,
Camaleão resolveu voltar para casa.
Estava cansado do longo passeio

E mais cansado ainda de tanto
mudar de cor.

Entrou na sua casinha.

Deitou para descansar.

E lá ficou a pensar:

- Por mais que a gente se esforce,

Não pode agradar a todos.

Alguns gostam de farofa.

Outros preferem farelo...

Uns querem comer maçã.

Outros preferem marmelo...

Tem quem goste de sapato.

Tem quem goste de chinelo...

E se não fossem os gostos,

Que seria do amarelo?

Por isso, no outro dia, Camaleão levantou-se

Bem cedinho.

- Bom dia, sol, bom dia, flores,

Bom dia, todas as cores!

Lavou o rosto numa folha

Cheia de orvalho,

Mudou sua cor para

A cor-de-rosa, que ele

Achava a mais bonita

De todas, e saiu para

O sol, contente

Da vida.

Logo que saiu, Camaleão encontrou o sapo cururu,

Que é cantor de sucesso na Rádio Jovem Floresta.

- Bom dia, meu caro sapo! Que dia mais lindo, não?

- Muito bom dia, amigo Camaleão!

Mais que cor mais engraçada,
Antiga, tão desbotada...
Por que é que você não usa
Uma cor mais avançada?

O Camaleão sorriu e disse para o seu amigo:

- Eu uso as cores que eu gosto,
E com isso faço bem.
Eu gosto dos bons conselhos,
Mas faço o que me convém.
Quem não agrada a si mesmo,
Não pode agradar ninguém...
E assim aconteceu
O que acabei de contar.
Se gostaram, muito bem!
Se não gostaram, AZAR!

*Retirado do site oficial da autora http://www2.uol.com.br/ruthrocha/historias_15.htm

A professora pode ir anotando no quadro, as hipóteses levantadas e após contar a história, verificam quem acertou ou chegou perto do assunto principal. É como trabalhar estimativa em Matemática.

“Utilizamos todas as estratégias de leitura mais ou menos ao mesmo tempo, sem ter consciência disso. Só nos damos conta do que estamos fazendo se formos analisar com cuidado nosso processo de leitura”. (SOLIGO, 2000)

E foi essa análise que realizamos ao tratar uma a uma cada estratégia.

2.4- Como trabalhar a leitura na escola

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, em seu volume 2 propõem atividades a serem trabalhadas na escola para desenvolver a prática de leitura. Essas serão aqui apresentadas de forma resumida:

2.4.1- Leitura diária

Existem várias possibilidades de se trabalhar com leitura todos os dias:

- de forma silenciosa e individual;
- em voz alta (individualmente ou em grupo), desde que haja sentido dentro da atividade inserida e o aluno deve sempre poder ler o texto silenciosamente, com antecedência – uma ou várias vezes.
- escutando alguém ler.

Em qualquer situação é importante explicitar os objetivos e fazer com os alunos levantem hipóteses sobre o tema a partir do título, oferecer informações que situem a leitura, criar um certo suspense quando for o caso. Refletir com os alunos sobre as diferentes modalidades de leitura, “ler para se divertir, ler para escrever, ler para estudar, ler para descobrir o que deve ser feito, ler buscando identificar a intenção do escritor, ler para revisar.”(MEC, 1997-PCNs, vol.2, p.60 e 61)

2.4.2- Leitura colaborativa

O professor lê um texto para a sala e questiona sobre pistas lingüísticas. É uma excelente estratégia para a formação de leitores competentes. É importante que os alunos tenham oportunidade de contar aos colegas que procedimentos utilizaram para atribuir sentido ao texto, como realizaram inferências, antecipações e verificações. (MEC, 1997-PCNs, vol.2, p. 61)

O professor pode ler um texto e fazer um pouco de suspense em determinado momento pedindo que os alunos escrevam ou falem o que eles acham que acontecerá após esse suspense. Depois discute-se na verificação, se as hipóteses se confirmam ou não.

2.4.3- Projetos de Leitura

Trabalhar com projetos traz várias contribuições para o desenvolvimento da leitura. Seus objetivos são compartilhados por todos os envolvidos que trabalham

em conjunto para chegar ao produto final. Os projetos são flexíveis e o seu tempo também, podem durar dias ou meses, além de permitir que os alunos participem ativamente no planejamento.

Nos projetos a linguagem oral, escrita, leitura e produção de texto se interrelacionam de forma contextualizada e que fazem sentido, por exemplo, ler para escrever, escrever para ler, ler para decorar, escrever para não esquecer, ler em voz alta em tom adequado.

2.4.4- Atividades Sequenciadas de Leitura

São adequadas para promover o gosto de ler e desenvolver o comportamento do leitor: formação de critérios para a seleção do material a ser lido, constituição de padrões de gosto pessoal, rastreamento da obra de escritores preferidos.

Podem integrar projetos e pode-se eleger temporariamente um gênero específico. São bem parecidas com projetos, porém não têm produto final. (MEC,1997-PCNs, vol.2, p. 63)

2.4.5- Atividades Permanentes de Leitura

São propostas regularmente e voltadas para a formação de atitude favorável em relação à leitura, como o Momento de Leitura por exemplo, onde os alunos têm liberdade de escolher o que querem ler. Geralmente acontecem semanal ou quinzenalmente.

Outro exemplo é a Roda de Leitura, onde os alunos comentam livros que pegaram emprestado na biblioteca, se gostarem indicam o livros aos colegas e explica porque acha que todos deveriam ler, se não gostaram não indicam. (MEC,1997-PCNs, vol.2, p. 63)

2.4.6- Leitura feita pelo professor

É a leitura compartilhada que possibilita aos alunos o acesso a textos mais longos e difíceis, podendo ser realizada em capítulos, se for muito extensa. Na escola uma prática de leitura intensa é necessária por que:

- amplia a visão de mundo e insere o leitor na cultura letrada;
- estimula o desejo de outras leituras;
- possibilita a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da emoção;
- permite a compreensão do funcionamento comunicativo da escrita: escreve-se para ser lido;
- expande o conhecimento a respeito da própria leitura;
- aproxima o leitor dos textos e os torna familiares – condição para leitura fluente e para produção de textos;
- possibilita produções orais, escritas e em outras linguagens;
- informa como escrever e sugerir sobre o que escrever;
- ensina a estudar;
- possibilita ao leitor compreender a relação que existe entre a fala e a escrita;
- favorece a aquisição de velocidade na leitura;
- favorece a estabilização de formas ortográficas.
- ENSINA A LER E A ESCREVER. (MEC,1997-PCNs, vol.2, p. 64 e 65)

2.5 – Oficinas de Leitura

Maria Vânia Resende descreve em seu livro “Literatura Infantil e Juvenil – Vivências de Leitura e Expressão Criadora” várias experiências com oficinas de leitura, todas apresentaram bons resultados e desenvolveram a criatividade nos alunos.

Resumidamente será apresentado nesse trabalho uma oficina com alunos de 1ª série (7 anos) de nível econômico não privilegiado e não alfabetizados. Devido ao fato dos alunos não saberem ler e escrever convencionalmente, a autora escolheu um livro de imagens: Filó e Marieta de Eva Furnari.



Figura 3: Capa do livro Filó e Marieta

Fonte: <http://www.paulinas.org.br/loja/DetalheProduto.aspx?idProduto=1821>

O livro conta a história de duas amigas. Filó leva uma varinha de condão de presente para Marieta. Elas fazem aparecer e desaparecer um rato, um gato e um cachorro que aprontam a maior confusão. Depois aparece um bolo com velinhas sugerindo o aniversário de Marieta que foi presenteada no início.

Nessa atividade o objetivo era proporcionar prazer, alegria e desenvolver a fantasia. E os procedimentos utilizados pela autora são os seguintes:

1. Motivação Inicial – conversa sobre a varinha, mágico, circo. Na parede foi projetado o seguinte poema:

O Mágico

Na noite do circo, o mágico
 Desperta estrelas, descostura
 Os fios do impossível
 Acende com cuidado uma surpresa
 A cada passo...

E logo um lenço vira lança,
 Um leque vira laço,
 O circo todo vira magia,
 Vira dança.

Da obra O circo, de Roseana Murray, Ed. Minguilim

2. Leitura do livro – após a leitura do poema, foi apresentado o livro de Eva Furnari e todos observaram e fizeram observações sobre a capa e as características das personagens, sem saber ainda quem era quem. A cada página era dado um tempo para apreciação. Houve uma conversa na qual as crianças relatavam idas ao circo e experiências afetivas. Uma delas foi a saudade de Rodrigo, um colega que se transferiu de escola e foi o ponto de partida para a proposta criativa.

3. Atividade Criativa – foram realizadas duas atividades, uma em cada 1ª série:

Atividade a: idealização coletiva de um história que inclui um encontro com Rodrigo no circo, onde ele era o mágico e a sala levaria um presente para ele e na hora de entregar a historinha deveria parar e cada criança continuaria a cena através de desenhos e colagens. As crianças falavam o restante da história e a professora ia anotando no quadro e depois houve a exposição dos desenhos.

Atividade b: conversa sobre a imagem do mágico com a cartola. Em saquinhos de plástico abertos de todos os lados exceto do lado esquerdo, as crianças desenharam, com canetinhas coloridas, a cartola, na parte superior do plástico, e o que ela ocultava na parte inferior. A imagem de cada criança foi projetada, o que causou surpresa e alegria.

Segundo a autora, os objetivos dela foram alcançados, pois a atividade levou alegria e despertou a criatividade dos alunos. (RESENDE, 1997)

3 – BENEFÍCIOS DA LEITURA PARA SAÚDE

Pesquisas recentes comprovam que ler ajuda na prevenção de doenças que afetam o cérebro e a memória diretamente. Entre elas a mais comum e temida é sem dúvida o Mal de Alzheimer.

3.1- O que é o Mal de Alzheimer?



Figura 4: Alzheimer
Fonte : www.abraz.com.br

É uma doença neurodegenerativa cuja principal característica é a perda de memória e que pode culminar em demência. Começa com pequenos lapsos de fala, algumas palavras são esquecidas e o raciocínio não é concluído. Há um enfraquecimento da memória que compromete o fator temporal, episódios ocorridos há muitos anos atrás, são lembrados como se fossem na semana passada, misturando memória recente com antigas. O paciente tem a falsa idéia de que ainda é capaz de tomar as próprias decisões e quando percebe que está dependente dos

outros, reage de forma muitas vezes agressivas com quem está cuidando dele, como se fossem seus algozes.

Em 1901 o psiquiatra alemão *Alois Alzheimer* definiu os sintomas da doença: perda de memória, alterações de comportamento e dificuldades para a realização de tarefas rotineiras. A partir de então, pesquisas chegaram a apontar mudanças dos chamadosovelos fibrilares e placas senis que acarretariam a morte dos neurônios, porém a hipótese mais recente (1998) do cientista *Karl Herrup* (EUA) atribui a perda de parte dos neurônios a uma tentativa “suicida” de se dividires, como ocorre com outro tecidos do corpo no caso de câncer. (AZEVEDO, 2005)

Com essa hipótese, abre-se novas perspectiva de tratamento para a doença, pois talvez seja possível encontrar meios viáveis para impedir o retorno dos neurônios ao ciclo celular, impossibilitando assim a sua divisão ou sua chegada a fase final, barrando o processo da morte celular.(HOUZEL,2002)

Pesquisas comparam a incidência da doença em descendentes de japoneses e de africanos que moram nos EUA com japoneses e nigerianos que ainda vivem em seus respectivos países e foi encontrada maior incidência em japoneses e africanos que moram na América. A alimentação parece ser um elo nessa corrente, e mais ainda o alumínio, que segundo pesquisas é assustadoramente alto no cérebro dos portadores. Estudos com roedores na Austrália e na Europa mostraram que o Sulfato de alumínio, colocado na água potável para matar bactérias, danificou os cérebros dos animais de forma similar à causada pelo Alzheimer nos humanos.

3.2- Não deixe seu cérebro morrer

O estudo das freiras, citado no livro *A Saúde do Cérebro*, do Dr. Robert Goldman, Editora Campus, e realizado *pelo Dr. Snowden*, da Universidade de *Kkentucky*, trouxe à tona diversas questões. Foram estudadas redações autobiográficas de 700 freiras do Convento de *Notre Dame*, escritas quando elas tinham em média 20 anos. Essas freiras foram examinadas regularmente e seus cérebros investigados após suas mortes. O que se constatou foi surpreendente. As que melhor se saíram nos testes cognitivos e nas redações - em termos de clareza de raciocínio, objetividade no vocabulário, capacidade de expressar suas idéias, mesmo apresentando os acidentes neurológicos típicos do Alzheimer (placas e

massas fibrosas de tecido morto) não desenvolveram a demência característica da doença. Ou seja, elas tinham as mesmas seqüelas que as outras freiras com Alzheimer diagnosticado (e que tiveram baixos escores em testes cognitivos e na redação), mas não os sintomas clássicos. Chegou-se à conclusão de que não há como controlar todos os fatores de risco apontados como os vilões - alimentação, pressão alta, contaminação ambiental, estresse, genética. Mas podemos colocar o nosso cérebro para trabalhar. Como?

- Lendo muito;
- Se empenhando em entender o que está escrito;
- Aprendendo outra língua;
- Escrevendo, buscando a clareza de idéias;
- Inventando desafios (palavras cruzadas);
- Forçando a memória;
- Colocando a palavra FELICIDADE no topo de prioridades;
- Manter-se interessado pelo mundo, pelas pessoas e pelo futuro;
- Inventando e experimentando novas receitas;

E mais: uma descoberta da neurociência vem revelar, em 2000, que o cérebro mantém a capacidade extraordinária de crescer e mudar o padrão de suas conexões. Os autores dessa descoberta, *Lawrence C. Katz e Manning Rubin apud Azevedo*, afirmam que a neuróbica, a “aeróbica dos neurônios”, é uma nova forma de exercício cerebral projetada para manter o cérebro ágil e saudável, criando novos e diferentes padrões de atividade dos neurônios em seu cérebro. Cerca de 80% de nosso dia-a-dia é ocupado por rotinas que, apesar de terem a vantagem de reduzir o esforço intelectual, escondem um efeito perverso: limitam o cérebro. Para contrariar essa tendência, é necessário praticar exercícios cerebrais que fazem as pessoas pensarem somente no que estão fazendo, concentrando-se na tarefa. O desafio da neuróbica é fazer tudo aquilo que contraria as rotinas, obrigando o cérebro a um trabalho adicional. (KATZ;RUBIN,2000 *apud* AZEVEDO)

A seguir, algumas indicações. Vale a pena tentar!

usar o relógio de pulso no braço onde não se costuma usar;
escovar os dentes com a mão contrária da de costume;
andar pela casa de trás para frente (na China,o pessoal treina nos parques);
vestir-se de olhos fechados;
estimular o paladar, comendo coisas diferentes;
ver fotos de cabeça para baixo;
ver as horas num espelho;
fazer um novo caminho para ir ao trabalho;
tentar fazer alguma coisa diferente com seu outro lado e estimular o cérebro.

Enfim, podemos associar que a leitura está diretamente ligada à prevenção dessa terrível doença, conhecida como o vampiro da memória e aliado à leitura, estão os esforços que o leitor deve empenhar para compreender e utilizar de forma eficaz o que leu.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que o Brasil sofreu um atraso em relação ao início de sua escolarização, devido à forma de colonização que sofreu, no caso de exploração. Após esse período, houve ainda uma demora em se democratizar a escola, tornando o ensino direito do cidadão e dever da família e do estado. Devido a esses fatores, recentemente é que nosso país tem tido acesso a termos e pesquisas no âmbito da educação que tem feito com que a escola se esforce no sentido de ensinar seus alunos de modo que utilizem esse conhecimento em sua vida.

A partir do momento em que a escola começa a aliar conteúdos de leitura com sua função social, podemos afirmar que se inicia o processo de letramento que vai além do conceito de alfabetização conhecido e utilizado há anos, que limitava o aluno apenas a uma estratégia: a de decodificar.

Desenvolver o prazer de ler é um desafio que a escola enfrenta e além disso podemos afirmar que ler com gosto significa não apenas passarmos um tempo de lazer mas também auxilia na prevenção de doenças como o Mal de Alzheimer.

Concluindo: leia sempre, incentive outras pessoas a terem esse hábito e viva melhor. Exercite seu corpo e principalmente seu cérebro.

Bibliografia

AZEVEDO, R.M. MAL DE ALZHEIMER. Revista Planeta. Cajamar–S.P., n.391, p.48 a 52, abr. 2005

BRITTO, J.M. (Orgs.). Dicionário de educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002. p.71-79.

CONTENTE, M., A leitura e a escrita – Estratégias de Ensino para todas as disciplinas. Portugal: Presença, 2000.

CURTO, L. M.; MORILLO, M. M.; TEIXIDÓ, M. M. Escrever e ler – Como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler (volume 1). Porto Alegre: ARTMED, 2000.

LERNER, D., Ler e escrever na escola – o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: artmed, 2002.

MEC, O Mapa do Analfabetismo. [on line]. Disponível em <WWW.inep.gov.br> Acesso em 5 de mar. de 2009.

MEC (vários autores), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). vol.1e2, Brasília, 1997.

MEC (vários autores), Pró Letramento- Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Brasília, 2007.

MEC (vários autores), Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA). Brasília.2001.

NUNES, Clarice. Anísio Teixeira. In: FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque;

OYAMA, E.R., A democratização do ensino com Anísio Teixeira versus educação brasileira em tempos de neoliberalismo. [on line]. Disponível em < <http://www.uff.br/trabalhonecessario/TN5%20EOyama.htm>> Acesso em 10 de fev. de 2009.

RESENDE, M.V. Literatura Infantil e Juvenil – Vivências de Leitura e Expressão Criadora. São Paulo: Saraiva, 1997.

ROCHA, R. Histórias. [on line]. Disponível em:
<<http://www2.uol.com.br/ruthrocha/historias.htm> > Acesso em 19 de abr. de 2009

SOUZA, M. Tirinhas da turma da Mônica. [on line]. Disponível em:
< <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/tira5.htm> > Acesso em 4 de abr. de 2009

TEIXEIRA, Anísio. **Educação é um direito**. 3.ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.